

41º Encontro Anual da Anpocs

GT – 15

Memorial acadêmico de professor-titular: artefato intelectual de cultura

Ronilson de Souza Luiz

Memorial acadêmico de professor-titular: artefato intelectual de cultura

O papel do Estado, com efeito, não é exprimir, resumir o pensamento irrefletido da multidão, mas sobrepor, a esse pensamento irrefletido, um pensamento mais meditado e, por força, diferente. É, e deve ser, foco de representações novas, originais, as quais devem por a sociedade em condições de conduzir-se com maior inteligência que quando é simplesmente movida dos sentimentos obscuros, a agir dentro dela. Emile Durkheim (1858-1917) – *extraída página UFBA - PPGCS*

O objetivo do artigo é analisar e registrar de que modo os memoriais para concurso de professor-titular possibilitam conhecer, entre muitos outros aspectos, os relatos exitosos de experiências escolares, memórias de instituições, de práticas de ensino e de docentes, procedimentos e metodologias de pesquisa, temas de investigação em voga em cada época, métodos de formação docentes em diferentes contextos, culturas e períodos históricos, tendo como referencial teórico os escritos de Bosi (1994), Bourdieu (2005), Josso (2007), Nóvoa (1992) e Ricouer (2007).

Li e reli memoriais de professores que concorreram à vaga de professor-titular. Fascina a riqueza dos embates intelectuais citados, o quanto cobrem períodos históricos significativos e trazem de lutas e desafios para a geração do autor.

Investi na hipótese de que estas leituras possam dar corpo para novas metodologias nas ciências sociais. O passo inicial foi a reunião de memoriais que já estão disponibilizados na rede virtual, quer em páginas pessoais dos autores, quer em *sites* de educação, quer em bibliotecas.

Nesse sentido, escreveu Ortiz

Havia algo de encantador dos pensadores do passado, seus escritores pertenciam a uma intenção comum, movimento que se cristaliza na ideia de obra. Ela requer criatividade, tenacidade e, sobretudo, constância. Uma obra é a realização de um trabalho, a rigor deveríamos dizer, diversos deles, no plural. Uma linha contínua os interliga, os avizinha, sendo todos resultados da mesma potência. (2010, p.192)

A meu sentir, é esta intenção comum que marcam os intelectuais. Trata-se aqui de uma pesquisa mais extensa, já concluída, e que privilegiou abordagem qualitativa, valendo-se de pesquisa bibliográfica e documental como caminho metodológico, tendo como ferramenta para suporte de análise quatro entrevistas não-estruturadas realizadas durante a investigação contemplando dois filósofos, um sociólogo e uma intelectual com formação inicial em letras.

Sabe-se que a sociologia floresceu de uma crise – a passagem da sociedade feudal para a sociedade industrial moderna – desde então vive e se renova das crises. “Acreditamos que este momento de intensa crise é caracterizado pela necessidade de encontrar novos conceitos, repensar os antigos e incrementar uma abordagem nas ciências sociais”. (Chauí, 1981, p. 343)

Presas e ancoradas entre duas pulsões, a adaptativa e a contestativa, a sociologia oscila para não enferrujar. Nesse sentido, cobramos dos intelectuais competência técnica, comunicação e experiência comprovadas.

Intelectual aqui tem mais o condão de resgatar docentes das chamadas ciências humanas, especialmente a Sociologia, reunindo os que escrevem com total confiança, os que utilizam a linguagem de forma surpreendente e incomum, nos ajudando a melhor compreender a nós e o que temos feito de nós mesmos, Henry James diria: ligando o que cura com o que fere.

Cresce nos últimos anos a quantidade de pesquisas e reflexões cuidadosas que conduzam à emergência de um entendimento acurado, criativo e crítico, que possa instruir o debate político.

Sabemos dos não poucos os embaraços vividos por intelectuais críticos, em regra, descompassados e um pouco a frente de seus pares, dentro de seu próprio campo identitário.

A mídia é o espaço de presença de uma parte dos intelectuais, seja incorporando pautas conjunturais, seja na produção antecipadas de pautas, que dominam circunstancialmente.

O poder simbólico e real da mídia está, sobretudo, em sua capacidade de introduzir, em todos os níveis e esferas, temas na agenda pública e focalizá-los, contribuindo intensamente para o estabelecimento, por vezes, ideológico de prioridades.

Ainda que seja conhecida a receita prévia de parte dos embates midiáticos, ou seja, vence quem demonstrar maior capacidade de sintonizar-se com a tendência predominante na sensibilidade pública.

O Memorial Acadêmico na Legislação Universitária

A reforma universitária de 1968, fruto da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixa normas de organização e funcionamento de ensino superior e sua articulação com a escola média, extinguiu o cargo de catedrático e instituiu em seu lugar o cargo de professor-titular.

Formalmente, com base nos textos da Lei 12.772/2012 e da Portaria nº 982/2013 (MEC), temos maior clareza dos critérios para fins de promoção para a classe E, de professor titular-livre da carreira do magistério superior, que prevê a análise e julgamento da defesa pública de memorial.

O que a lei de 2012 fez foi dar registro e confirmar práticas e rotinas já existentes nas Universidades, quanto à progressão na carreira. Contudo, a lei também cria a possibilidade de que, decorridas algumas décadas, possamos analisar os memoriais, sob a égide da nova legislação.

Vejamos, à guisa de exemplo, qual o entendimento de memorial para cargo em aberto com inscrição até abril de 2017, conforme traz um Edital para professor-titular junto a Universidade de São Paulo: “Por memorial circunstanciado, entende-se a apresentação de análise reflexiva sobre a formação acadêmica, as experiências pessoais de estudo, trabalhos, pesquisas, publicações e outras informações pertinentes à vida acadêmica e profissional, indicando motivações e significados”. Texto publicado no Diário Oficial do Estado, em Executivo - Seção I, terça-feira, 11 de outubro de 2016.

Motivações e significados são exatamente estes os pressupostos que a meu sentir podem ser potencializados, ao se finalizar a redação do memorial acadêmico.

Conforme registram os editais, o nível de professor-titular, cargo final da carreira docente, será atingido após o concurso público de provas e títulos, aberto em função dos **superiores interesses da Universidade**, a professores associados que exerçam essa função há pelo menos cinco anos, ou seja,

somente professores livre-docentes podem concorrer, em regra, quer nas públicas estaduais, quer nas federais. As demais IES seguem regras próprias, tendo como referência as práticas já sistematizadas em instituições mais antigas.

Por isso, se quisermos aprender a resolver determinados problemas, teremos que começar por aprender a pensá-los de outra forma.

O ensino é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige posturas éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. (Pimenta; Anastasiou, 2002, p.14)

A memória do narrador, que é reconstrutiva da significação de suas vivências, é elemento que implica o olhar como diagnóstico e sobretudo como prognóstico daquilo que ainda falta. Ao redigir o memorial, o docente tenta sincronizar os marcadores de tempo com os sentidos e emoções de cada fase, que culminou naquele ápice. Relatar uma história de vida é articular de forma singular vestígios, lugares e datas no decurso da vida acadêmica, com a maior parte das ramificações pertinentes.

A figura do intelectual aqui analisada dialoga com os superiores interesses da Universidade grifado da redação do edital.

Para esta reflexão foram utilizados os memoriais acadêmicos dos seguintes professores-titulares: André Victor Singer, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, Gilberto Cardoso Alves Velho, Glauco Arbix, Gustavo Lins Ribeiro, José Jorge de Carvalho, Luis Roberto Cardoso de Oliveira, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Michel Misse, Renato Jose Pinto Ortiz e Ricardo L. C. Antunes. Destes, 05 são de domínio público e os demais foram confiados a este autor para pesquisa, conforme quadro abaixo.

PROFESSORES	DATA DE NASCIMENTO	LOCAL	IES	ANO DO MEMORIAL	NÚMERO DE FOLHAS
André Vitor Singer	1958	São Paulo/SP	USP	2014	74 f
Antônio Sérgio Alfredo Guimarães*	12 de fevereiro de 1949	Salvador/BA	USP	2003	151 f
Gilberto Cardoso Alves Velho*	1945 - 2012	Rio de Janeiro/RJ	UFRJ	1992	22 f
Gildo Marçal Bezerra Brandão	1949 - 2010	Mata Grande/AL	USP	2004	
Glauco Antônio Truzzi Arbix	20 de dezembro de 1952	Americana/SP	USP	2015	61 f
José Jorge de Carvalho			UNB	2015	64 f
Luís Roberto Cardoso de Oliveira*	11 de julho de 1928	São Paulo/SP	UNB	2008	82 f
Maria Sylvia de Carvalho Franco	1931	Araraquara/SP	USP	2014	
Michel Misse	12 de abril de 1951	Itapemirim/SP	UFRJ	2003	73 f
Renato José Pinto Ortiz **	20 de março de 1947	Ribeirão Preto/SP	UNICAMP	2010	200 f
Ricardo Luiz Coltro Antunes	1953	São Paulo/SP	UNICAMP	2000	92 f

* Domínio Público – disponível na internet

** Domínio Público – em formato de livro

Repensar o memorial acadêmico de professores titulares como artefato cultural poderá ajudar para que voltemos o olhar para os ideais universais, que

sempre foram a razão de ser do intelectual, contudo, hoje ressentem-se por um incomodo silêncio. Uma parte dos intelectuais acadêmicos nega-se a submissão do trabalho intelectual aos interesses da tecnociência e da demanda política imediata e inconsequente, gerando a retração dos intelectuais da vida pública.

Os intelectuais detêm um fator-chave da produção, o conhecimento, e por isso constituem uma classe social.

O poder das palavras sobre as coisas por meio da retórica, da arte de persuadir sempre foi um grande trunfo para manutenção do poder: daí o papel do intelectual, capaz de mobilizar multidões.

O estado da arte da participação dos intelectuais na vida pública aponta para o fato de que os intelectuais relatam a perda de incisividade do intelectual ao produzirem análises.

Nossos Intelectuais modelos

Escrever não me interessa senão na medida em que o escrever se incorpora à realidade de um combate, como um instrumento de tática, de esclarecimento. Michel Foucault (1926 – 1984) extraída página UFBA - PPGCS

Vejamos como Antônio Candido (1918-2017) se refere a Florestan Fernandes (1920-1995) em obra publicada em 2001.

A força da sua personalidade marcada pelo titanismo, a capacidade de trabalho, o alto senso do dever, a infatigável dedicação às tarefas fizeram dele desde cedo um líder intelectual notável, um orientador de obras e atitudes mentais das quais provieram algumas das realizações mais importantes da universidade brasileira. (Cândido, 2001, p.63)

Dentre da polissemia da palavra intelectual o artigo privilegiará especialmente dois tipos: o intelectual universal e o intelectual crítico. Em regra, o intelectual da Universidade tangencia também a ideia de intelectual especialista.

Uma das marcas do espírito crítico é a constante interrogação sobre os feitos sociais. Basicamente, nos perguntamos houve efetivo avanço social, nos tornamos menos desiguais?

Ao ler um memorial acadêmico de um sociólogo notam-se as relações de poder simbólico, as disputas por cargos de poder e lutas por imposição de ideias, pelas quais mobilizam os recursos de que dispõem, visando fazer avançar o universal de que falava Bourdieu.

Chauí lembra que na composição do tecido da vida social, o indiscutível poder das ideias e iniciativas, sobretudo quando estas captam - com acuidade intuitiva - o *Kairós* (momento oportuno) da história.

Cada vez mais nos interessamos por conhecer as diferentes formas de inscrição dos intelectuais no Brasil e suas participações em instituições com amplo alcance e repercussão na construção de consensos e cada vez mais relacionando-se com questões jurídicas, médicas, legislativas e outras.

Em razão da maior abrangência da área de influencia do intelectual da Sociologia, cada vez mais o conceito de intelectual deve ser compreendido a partir de seu caráter polimorfo, com um certo consenso no sentido de que se trata de uma categoria social definida por seu papel ideológico ou como criadores de produtos ideológico-culturais.

Nos anos recentes é sempre lembrada a presença de José Guilherme Merquior, que junto com Roberto Campos, desempenhou papel importante na elaboração do programa de governo de Fernando Collor de Melo, ancorado na forte crítica à presença do Estado e na defesa das políticas neoliberais como agenda necessária. Em proporções menores, pode-se citar a atuação do professor-titular da UFF, Renato Lessa, da Ciência Política, quando atuou em audiências públicas na Câmara e no Senado.

É conhecida a forte presença de quadros egressos ou vinculados à PUC-Rio, que dominaram o cenário econômico nacional, quer no Ministério da Fazenda, Banco Central e outras Instituições norteadoras da economia nacional, sempre orientando o discurso do partido político a eles vinculados, na figura do intelectual especialista.

Os anos 2000 têm testemunhado a ascensão de nova e crescente fração de intelectuais, portadores de certo tipo de ideário claramente de direita, que vem ganhando cada vez mais espaço na agenda pública do país, com forte presença na imprensa e no mercado editorial, lembrando Heleieth Saffioti (2003)

não há que se esperar que todo formando em Ciências Sociais postule reivindicações de grupos menos favorecidos.

Por vezes, nos perguntaremos como teria sido a capilaridade social de um intelectual do porte de Gilberto Velho valendo-se da expansão e popularização da internet. Talvez este possa ser um novo desafio aos novos intelectuais que ocuparão os espaços de poder na Universidade.

A obra do italiano Antonio Gramsci questiona o ideal de intelectual como constituindo um grupo autônomo e defende que cada grupo social – ou classe – tem seus próprios intelectuais. São o que o autor chama de “intelectuais orgânicos”, no sentido em que existe uma relação entre os intelectuais e o mundo da produção.

O sociólogo Renato Ortiz publicou, em formato de livro, seu memorial de professor titular obra em que traz a seguinte passagem:

O ofício intelectual pode ser comparado a um tipo específico de afazer doméstico: a costura. Costurar requer uma habilidade e um certo saber. É somente com a prática, acumulada ao longo dos anos, que se chega a compor satisfatoriamente uma roupa, uma toalha, um adorno. Labor artesanal no qual se revela a individualidade e a experiência de quem o executa. Colocar a agulha na linha, combinar os panos, efetuar o corte, são operações delicadas, exigem paciência e concentração. (Ortiz, 2010, p. 183)

Vejamos recorte da entrevista, gravada em áudio, que realizei em 15 de julho de 2016, em São Paulo, na residência do Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro, titular da USP, filósofo, foi ministro da Educação do Governo Dilma Rousseff.

Relatou que o memorial acadêmico é uma reflexão de ideias de trabalhos acadêmicos e oportunidade de expor sugestões; acha que o memorial do professor, é uma obra autoral e não entende ser certo publicar sem autorização;

Lembrou que a pós-graduação sempre tem dinheiro público, nesse caso, a publicação é uma obrigação até de cunho moral; com relação ao memorial do titular, é um concurso aberto e não uma promoção. Na USP é obrigatório ter livre-docência para concorrer ao cargo de professor titular;

Com relação à disponibilização dos memoriais do concurso público, ele acredita ser certo, no sentido de que as pessoas possam consultar, comparar e verificar se o resultado foi justo daquele concurso;

Fez dois memoriais, em 1991 e 1994; que ao fazer o memorial de titular, o fez com base na experiência que teve com o de livre docente; que o ponto de partida foi como iria organizar tudo o que fez até então, articular, as linhas que adotaria; que não tem lembrança viva pois faz mais de 20 anos que escreveu;

Titulatura, em princípio, seria um concurso para a liderança, e há alguns professores da USP, como Walter Colli (da Química), que defendem a ideia que, a rigor, qualquer professor da USP poderia fazer parte de uma banca de qualquer professor titular, independente da área;

O concurso titular não quer ver se a pessoa conhece profundamente do assunto, pois isso já deveria ter sido visto no doutorado ou na livre docência; na titulatura está se verificando qual o nível de liderança que a pessoa exerce. Que com o passar do tempo, deu uma conotação de promoção;

Que o memorial científico tem que provar não só a sua trajetória científica, mas também quem você orientou, a sua orientação, dedicação à orientação, ao avanço da sua área no Brasil, sua interlocução, eventualmente internacional; que não necessariamente todo mundo cobra isso, pois há pessoas muito boas em umas coisas e em outras não;

Critica os professores que formam seguidores cegos e que o bom professor forma pessoas autônomas; que em relação aos professores titulares mais idosos, que poderiam exercer maior liderança na vida acadêmica, bem como em âmbito político, o entrevistado se lembra de uma professora de Minas Gerais a Magda Soares;

Se o Octávio Ianni (1926-2004) tiver feito o que dele se espera, é um memorial que entre na meta da pesquisa, contudo, não necessariamente um bom pesquisador faça um bom memorial, mas o inverso não é tão improvável;

O memorial deve estar arquivado na secretaria da Faculdade junto com a documentação do concurso da pessoa, que necessariamente não é pública; que não existe um critério exato de catalogação do memorial.

A Memória dentro do memorial

Recordar-se é uma grande volúpia para o homem, mas não na medida em que a memória se mostra literal, porque poucos aceitariam viver novamente as labutas e os sofrimentos que, no entanto, gostam de rememorar. A recordação é a própria vida, mas com outra qualidade. Claude Lévi-Strauss

Nossa memória é um laboratório onde se dão à nossa revelia combinações arbitrárias e inesperadas. Temos arquivos. Diferente do computador, não acessamos por palavras-chaves, mas, especialmente, por afetos, sentimentos e emoções.

Tentativa de compreensão disso que nos ultrapassa, desafia e ao mesmo tempo ilumina para avançarmos em pontos essenciais da democracia brasileira.

O mote é acreditar que as narrativas do cotidiano estão mais próximas da intensidade da vida real, bem ao gosto da uma certa tradição sociológica.

Aqui nos interessa o verbo representar, que em um de seus modos determina como cada autor problematiza a realidade e incorpora à obra as tensões sociais de seu tempo. Em outras palavras: como revelamos as contradições da história, valendo-nos de narrativas.

A memória do narrador, que é reconstrutiva da significação de suas vivências, é elemento que implica o olhar como diagnóstico e sobretudo como prognóstico daquilo que ainda falta. Bourdieu nos lembra que é erro recorrente avaliar que

A criação artificial de sentido para eventos aleatórios ou relacionados às circunstâncias histórico-culturais, consubstanciada na adoção de um modo de interpretar e apresentar a história de vida e os processos individuais como um conjunto coerente, coeso, ordenado e orientado; (2005, p. 187)

Ser o profissional que se é decorre de quais escolhas? O caminhar do intelectual docente confirma os escritos de Freud (1856-1939), em *Mal-estar na cultura* (para citar o título em alemão), quando traz

A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos

instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados (1996, p.88)

No final creio que os titulares sigam suas marchas por meio de uma incerteza atormentadora e com um intranquilo tatear, como escreveu Freud.

Nas entrelinhas de vários dos memoriais é como se lêssemos: a razão não é uma erva que cresce rápido, mas um carvalho que cresce devagar. Não obstante, suas raízes são fortes e profundas, e, ao crescer, ela pode transformar uma paisagem para sempre.

A apreciação dos memoriais permite observar a técnica que os anos de leituras proporcionam, o brilho por entre as palavras, a coesão artística e plástica alçada por aquele intelectual.

Este artefato intelectual de cultura revela em cada docente sua tolerância em relação a opiniões divergentes, se abre ou não mão de sua liberdade em face de qualquer interferência política. Em regra, estes intelectuais prezam pela justiça, dignidade humana e solidariedade, pontos caros a democracia.

De forma resumida, as docentes citam cartas guardadas com elogios ou incentivos que receberam, mais da metade passou por escolas confessionais; destacam o acesso a capital cultural durante a infância, a prática da modelagem da escrita quando da graduação.

Muitos ganharam prêmios e bolsas de estudos, disputadíssimas, ao longo da carreira, presidiram ou foram do primeiro escalão de Diretórios acadêmicos, participaram de concursos de poesia, tocavam algum instrumento. São docentes que se engajaram em projetos de longo alcance e de relevância social. Narram amizades com pessoas dos mais variados espectros políticos e ideológicos.

Parte significativa dos professores titulares cita que participou de momentos ou situações de efervescência política, cultural, social e artística.

É marcante a forma e o estilo que cada docente escolhe para descrever sua trajetória na pós-graduação. Constata-se o descrito por Bosi (1994, p. 45)

O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia.

Saber, por meio do memorial acadêmico, o porte da obra construída, expressa e representada ajuda na reflexão sobre a possibilidade de potencialização das ações docentes, ou seja, como cada docente problematiza a realidade e incorpora à obra as tensões sociais de seu tempo.

No curso da pesquisa descobre-se que os docentes ganharam prêmios e bolsas de estudos, disputadíssimas, ao longo da carreira, presidiram ou foram do primeiro escalão de Diretórios acadêmicos, participaram de concursos de poesia, tocavam algum instrumento.

Citam que participaram de momentos ou situações de efervescência política, cultural, social e artística. Após muitos memoriais lidos foi possível perceber os andaimes sobre os quais ocorre a produção deste conhecimento biográfico e seus reflexos em pontos centrais da democracia brasileira, a partir de 1988.

Conforme traz Josso

- como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si,
- como um processo de tomadas de consciência de si e de suas potencialidades,
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos,
- e finalmente como uma transformação permanente – e às vezes imperceptível - do si psicossomático. (2007, p.424)

Uma coisa é o que se diz, outra é como se diz. Embora as duas dimensões se misturem nos relatos, é na segunda que identificamos a possibilidade de transcender o que já se sabe no campo atribuído ao papel dos intelectuais.

Sabemos da polissemia da palavra memorial. A partir de um texto padrão, fiz contato, por e-mail, com professores-titulares, tendo como base as informações disponíveis na plataforma lattes, do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa).

Conforme registra Bastos

A produção de memoriais, na perspectiva de dar um estatuto ao saber da experiência do professor e à sua utilização como monumento/documento para escrever a história da educação

brasileira nos coloca perante a questão dos fragmentos da memória, do campo de significações do discurso docente, para melhor compreendermos as táticas de apropriação e as estratégias de imposição das práticas e representações do fazer docente (2010, p.179).

A maior parte dos contatados mostrou-se surpreso pelo interesse no memorial. Vários docentes sinalizaram a importância de que se conheçam os memoriais. Outros reavivaram projetos antigos em publicar, em formato de livro, o seu memorial.

Memoriais guardam uma espécie de estética do inacabado e insinuam a importante lembrança de que, no que se refere à vida, há sempre o sentido da impermanência.

Efetuar sua potência é necessariamente agir para gerar bons encontros, ou seja, compor com o mundo, pois segundo Chauí (1995, p. 50-51)

[...] por essência o corpo é relacional: constituído por relações internas e externas com outros corpos e por afecções, ou seja, pela capacidade de afetar outros corpos e por eles ser afetado sem destruir, regenerando-se com eles e os regenerando.

A pesquisa sobre os memoriais acadêmicos poderá derivar uma compreensão teoricamente refinada a respeito da forma como o poder, a estrutura e ação humana funcionam para reproduzir não só a lógica da dominação, mas também o cálculo da mediação, da resistência e da luta social.

Espera-se que um professor-titular revele, tacitamente, sua voz e seus pensamentos, como dicção própria e resoluta originalidade.

Pontos compagináveis nos memoriais de professores titulares

Proponho-me uma tarefa que é, inextricavelmente, intelectual e política; e pretendo enfrentá-la como tal, com a objetividade do sociólogo e o ardor do militante socialista. Florestan Fernandes (1920-1995) extraída página UFBA - PPGCS

Com especial modéstia, os autores dos memoriais relatam a obtenção de nota máxima, com menção de distinção e louvor, quer no mestrado ou quer no

doutorado, uma maneira de afetar as futuras gerações e de se regenerar, como cita Chauí. Destacam que o período de estudos no exterior permitiu o contato direto com autores que são referências obrigatórias nas ciências humanas ou com seus seguidores destacados.

O bom uso do tempo é sempre muito valorizado nas narrativas docentes. Segundo traz Bastos

A produção de memoriais, na perspectiva de dar um estatuto ao saber da experiência do professor e à sua utilização como monumento/documento para escrever a história da educação brasileira nos coloca perante a questão dos fragmentos da memória, do campo de significações do discurso docente, para melhor compreendermos as táticas de apropriação e as estratégias de imposição das práticas e representações do fazer docente. (2003, p.179)

É certo que a vida não explica a obra, mas certo também que elas se comunicam. A verdade é que esta obra a ser feita exigia esta vida. Merleau-Ponty. Com esta epígrafe a Profa. Dra. Scarlett Marton abre seu livro, que é seu memorial do concurso para professora titular “A irrecusável busca de sentido” com subtítulo “autobiografia intelectual”.

Os esquecimentos, as simplificações de grandes vitórias e conquistas, as censuras, as ancoragens; a vida sonhada constitui a trama desse ato de memória, que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa memorialística. Sabemos que há forte trama, quase uma teia que une os grandes professores da área educacional e de todas demais áreas do saber.

Os docentes pesquisados revelaram tolerância em relação a opiniões divergentes e não abrem mão de sua liberdade em face de qualquer interferência política, bem como prezam pela justiça, dignidade humana e solidariedade.

Nesse sentido, discorre Josso

Uma dinâmica fundamental orienta todos os percursos. Ela nasce da confrontação entre os interesses e as lógicas individuais por um lado e, por outro, das lógicas e das pressões

coletivas. Aparecem assim as potencialidades da pessoa e suas possibilidades diante das pressões de seus diferentes contextos de inserção ou de pertença simbólica. (2007, p.422)

Conhecemos a relação entre os termos usados no texto escrito e a história de vida de cada intelectual, tudo remete à ideia de fio, como enredo, desenrolar, desenlace, intriga, trama, todos implicam uma relação com o tear, razão pela qual também traduzimos texto por tecido.

O trabalho do pensamento traz consigo tempos mortos, de pouco ou nada fazer, de encantamentos, de pausas, de revolta, de resistência, que são momentos que alimentam um trabalho invisível e que erroneamente supomos ser uma parte sobre a qual não podemos avaliar.

Cada narrativa singular é ao mesmo tempo plural e coletiva. Colaborativa, eu diria, no caso dos sociólogos. Às vezes em espécie, às vezes a granel.

Ao ler um memorial temos também uma documentação histórica, que, por vezes, encobre um trabalho de preparação muito rico. Alguns assumem a forma de ensaio, contudo, se conservam leves e amenos. Outros muitos fluem com transparência e naturalidade, embora, sob esta superfície leve e ágil, que prende a atenção desde as primeiras linhas, seja possível perceber uma segurança e uma seriedade que lhes confere poderosa consistência para servirem de modelos.

Ainda é raro encontrar, na literatura especializada, trabalhos voltados exclusivamente para memoriais acadêmicos de professores. Não podemos continuar perdendo conjuntos documentais, não raro volumosos e multifacetados, quando os docentes deixam de integrar o quadro funcional da universidade.

Para mantermos as atribuições esperadas de um intelectual da Sociologia não poderemos imaginar um bacharelado em Ciências Sociais mantido por uma grande montadora. Com esta análise Chauí reforça é que a liberdade de expressão é o irredutível do pensamento e da ação intelectual.

Nesse sentido, corrobora Renato Ortiz

Este memorial-memória vem marcado por uma contradição, a necessidade de ser representação e verdade. Tenho de

escrevê-lo de maneira convincente, relatando fatos que necessitam e podem ser comprovados, caso contrário fracassaria na tentativa de obter minha livre-docência. Mas não posso me furtar a uma dimensão imagética, nebulosa também para mim. Um texto escrito aos 41 anos de idade, com uma finalidade acadêmica, no qual não devem vazar minhas recordações mais íntimas. Um memorial, balanço de minhas inclinações intelectuais, que não se reduz a conceitos e teorias, abarca meus sonhos e ilusões. (Ortiz, 2010, p.12)

Durante a pesquisa constatou-se que somente a Universidade Federal de Santa Catarina durante o certame já disponibiliza o memorial acadêmico dos participantes. Chama a atenção que essa situação ocorra na Faculdade de Engenharia.

Dentro de um memorial temos: autobiografias, biografias, narrativas de vida, história oral, fotos, cartas, diários (estes em múltiplos sentidos). Conhecemos a relação entre os termos usados no texto escrito e a história de vida de cada professor, tudo remete à ideia de fio, tais como enredo, desenrolar, desenlace, intriga, trama, todos implicam uma relação com o tear, razão pela qual também traduzimos texto por tecido.

Há que se promover incentivos para uma política de publicação destes diamantes que não podem continuar no fundo de gavetas e nos pontos pouco iluminados das bibliotecas.

Compete a nova geração de mestrandos e doutorandos deter-se, por meio dos memoriais acadêmicos, buscar as repostas para a compreensão de como foi possível produzirmos intelectuais merecedor das seguintes linhas:

A sua imaginação veemente e a capacidade de discernir os temas essenciais para a investigação lhe permitiram ver os fatos da sociedade segundo os ângulos mais importantes, que eram por vezes também os mais inesperados, e mesmo alguns considerados inviáveis. Ninguém mais do que ele merece o qualificativo tão raramente bem atribuído de grande homem-porque viveu com indômita bravura, porque foi íntegro no caráter, na inteligência, na atuação, mas, sobretudo porque soube pôr os seus raríssimos dons a serviço de grandes interesses coletivos, saindo de si para dar-se ao seu tempo. (Cândido, 2001, p.64)

No site (memorialacademico.com.br), que conta 189 memoriais, é possível conhecer a trajetória acadêmica dos seguintes professores titulares da Sociologia e da Antropologia, conforme segue:

Da Sociologia

Armando Boito Júnior – UNICAMP, abril de 2003, 106 f.

Brasílio João Sallum Júnior – USP - dezembro de 2003, 75 f.

Carlos Bernardo Vainer – UFRJ – junho de 2005, 52 f.

Celso Frederico – USP – dezembro de 2010, 94 f.

Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho – USP – 1986, 116 f.

Léa Vinocur Freitag - USP – 1986, 248 f.

Leopoldo Garcia Pinto Waizbort – USP - agosto de 2009, 87 f.

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves – USP – março de 2004, 235 f.

Marcelo Siqueira Ridenti – UNICAMP – 2004, 130 f.

Maria Arminda do Nascimento Arruda – USP – 2005, 16 f.

Maria Chalfin Coutinho – UFSC – janeiro de 2015, 91 f.

Ricardo Virgilino da Silva – UFSC - maio de 2014, 71 f.

Sergio França Adorno de Abreu – USP - dezembro 2003, 162 f.

Theophilos Rifiotis – UFSC – 2015, 97 f.

Waldenyr Caldas – USP – 1996, 143 f.

Da Antropologia

Déborah de Magalhães Lima – UFMG - março, 2015, 45 f.

Heloisa Pontes - UEC – agosto de 2014, 37 f.

John Cowart Dawsey – USP- 2006, 480 f.

Mariza Gomes e Souza Peirano –UNB - 1992, 28 f.

Miriam Pillar Grossi – UFSC - abril de 2015, 135 f.

Rafael José de Menezes Bastos – UFSC - março de 1984, 27 f.

Considerações Finais

Cada homem é, em certos aspectos, como todos os homens; como alguns outros homens; como nenhum outro homem.
Edward M. Bruner (1924 -) antropólogo.

Ao longo do artigo, de caráter exploratório, foram discutidos elementos considerados importantes para pensar possíveis mudanças no papel do intelectual no mundo contemporâneo.

A forte demanda por mais democracia, mais transparência, mais direitos, mais audiência pública cobrará, em futuro próximo, uma espécie de comitê científico junto a Câmara dos Deputados e ao Senado. Cresce a importância do cientista no debate político, corroborando diretamente para indução de políticas públicas e novas leis.

Para compreender os fenômenos sociais em ação nos dias de hoje, é necessário mudar de perspectiva: não mais criticar, explicar, mas compreender, admitir. Grosso modo, conclui-se que ainda identificamos um intelectual pela originalidade do sistema de ideias que propõe, pelas inovações teóricas que apresenta, pelo aprimoramento conceitual que realiza; enfim, pelas novas interpretações do mundo que introduz, indica ou aponta.

São tais indicativos que possibilitam a localização de um intelectual num patamar altamente seletivo, que poucos alcançam: o daqueles pensadores que contribuíram significativamente para a “organização da cultura” (nos termos de Gramsci).

Caberá aos novos intelectuais recuperar a indissociabilidade entre reflexão epistemológica e política, buscando pensar sua utilidade possível para a reflexão produzida na Academia.

A escolha foi por ampliar a divulgação de edificantes trajetórias de homens e mulheres que se constituíram em intelectuais de referência no cenário nacional, com alcance internacional pelos prêmios que receberam.

Creio que há pequenos passos que, embora pouco perceptíveis, podem indicar rumos; melhores rumos.

Se é verdade quem como sugere Borges, somos ao mesmo tempo e a cada instante aquilo que já fomos e aquilo que um dia ainda seremos, então a

redação do memorial acadêmico pelo sociólogo terá sido um momento de síntese.

De forma equivocada a sociedade ainda tem esperado que a resposta social venha dos profissionais da psique, não raro, ministrando alguma droga milagrosa. Com a análise dos memoriais, por meio de representantes mais argutos, poderemos produzir prognósticos de eficácia mais ampla do que por meio de suas manifestações mais circunstanciais, indicando saídas mais estruturais para os novos e líquidos cenários que se apresentam.

Os dias que correm nos cobram estranhar conformidades, desafiar lugares comuns e sobretudo mudar o discurso. Ousar mudar. Ainda que de forma fragmentária e descontínua.

Ler ou conhecer as vivências destes intelectuais pode nos ajudar a melhor interpretar os significados da produção humana, notadamente, no alargado campo das ciências humanas.

O *site*, (memorialacademico.com.br), produto da pesquisa, funciona como uma espécie de repositório da cultura acadêmica, observada por diferentes circunstâncias, ângulos e ideologias. Como efeito colateral, será uma espécie de centro de preservação da memória docente nacional. Há que se registrar que não temos, até o presente momento, página na internet que congregue memoriais acadêmicos de professores titulares de forma sistemática. Há registros de história oral, com destaque para as publicações da PUC-RS e da UFRN.

Conhecer, divulgar e publicar história de vida de professoras, em todos os níveis, poderá, em futuro próximo, permitir novo olhar e nova dimensão aos saberes e poderes. Teremos nas mãos monumentos intelectuais construídos sobre a melhor sofisticação discursiva, com narrativas que educam e que formam.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. **Memoriais de professoras**: reflexões sobre uma proposta. In MIGNOT, Ana Chrystina V.; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). Práticas de memória docente. São Paulo: Cortez, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, 1).

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina P. (Orgs.). Usos & abusos da história oral. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 19.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Florestan Fernandes**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. (Org.). **Espinosa**: vida e obra. In: Espinosa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

_____. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 11.ed., São Paulo: Cortez, 1981.

_____. Nasce uma ilusão. In: **Jornal de resenhas**: seis anos (de abril de 1995 a abril de 2001)[S.l: s.n.], 1995.

FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). **Memoriais**. Disponível em: <<http://fflch.usp.br/memoriais>> Acesso em: 10 de mar. de 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Escolhas**: uma autobiografia intelectual. Recife: Rio de Janeiro: Carpe Diem: Língua Geral, 2009.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MARTON, Scarlett Zerbetto. **A Irrecusável busca de sentido**: autobiografia intelectual. São Paulo: Unijuí, 2004.

NEVES, Margarida de Souza. **Memória e história da pós-graduação na PUC/RIO**. Núcleo de memória da pós-graduação e da pesquisa na PUC/RIO Departamento de História. Rio de Janeiro, agosto de 2006.

ORTIZ, Renato. **Trajetos e Memórias**. Nacional: Brasiliense, 2010.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002. 168f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Estar ou ser sociólogo**. In. BARREIRA, César. (Org.) A sociologia no tempo: memória, imaginação e utopia. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.